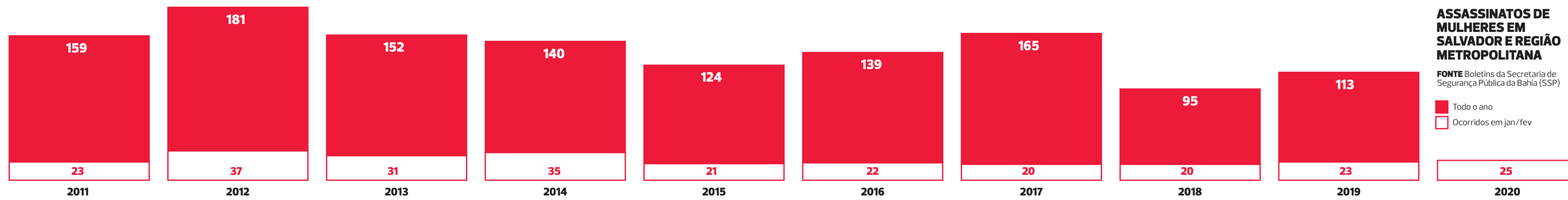


Mais*

DE 2009 A 2017, OS CASOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL CRESCERAM 887% NA BAHIA

Coronavírus Brasil tem 8 casos confirmados e registra a primeira transmissão local
PÁG. 20

Emprego IBGE tem 14 mil vagas abertas na Bahia e inscrições já podem ser feitas
PÁG. 22 E 23



ASSASSINATOS DE MULHERES EM SALVADOR E REGIÃO METROPOLITANA

FONTE Boletins da Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP)

■ Todo o ano
□ Ocorridos em jan/fev

Mulheres na mira da violência

2020 Em dois meses, 25 mulheres foram mortas na capital e RMS; número é o maior desde 2014

Clarissa Pacheco
REPORTAGEM
clarissa.pacheco@redabahia.com.br

Em um único dia do mês de fevereiro, quatro mortes violentas de mulheres em Salvador. O caso da empregada doméstica Jessi Santiago dos Santos, 29 anos, grávida de seis meses, assassinada a facadas pelo neto da patroa, chocou, mas não foi o único. Nos meses de janeiro e fevereiro de 2020, 25 mulheres foram assassinadas em Salvador e Região Metropolitana (RMS). Os dados, levantados pelo CORREIO junto aos boletins da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP), através do projeto Mil Vidas, mostram aumento no número de mortes de mulheres pela primeira vez desde 2014, quando 35 mulheres tinham sido mortas.

Embora não seja possível, ainda, dizer quantos destes casos se enquadram como feminicídios – quando a mulher é morta justamente pelo fato de ser mulher –, os dados chamam a atenção para uma violência que as tem como alvo. No ano passado, 113 mulheres foram assassinadas em Salvador e RMS – 18,9% a mais do que as 95 mortas ao longo de 2018.

Para o sociólogo César Barreira, coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV), da Universidade Federal do Ceará (UFC), tem sido sur-

preendente o crescimento no número de feminicídios e da crueldade. Muitas vítimas, aponta, são torturadas.

“A gente tem apontado esse crescimento nos feminicídios que, em parte, estão ligados a disputas de facções, a questões envolvendo jovens mulheres e carregadas de crueldades, em que elas são torturadas e, depois, mortas”, declarou.

EPIDEMIA

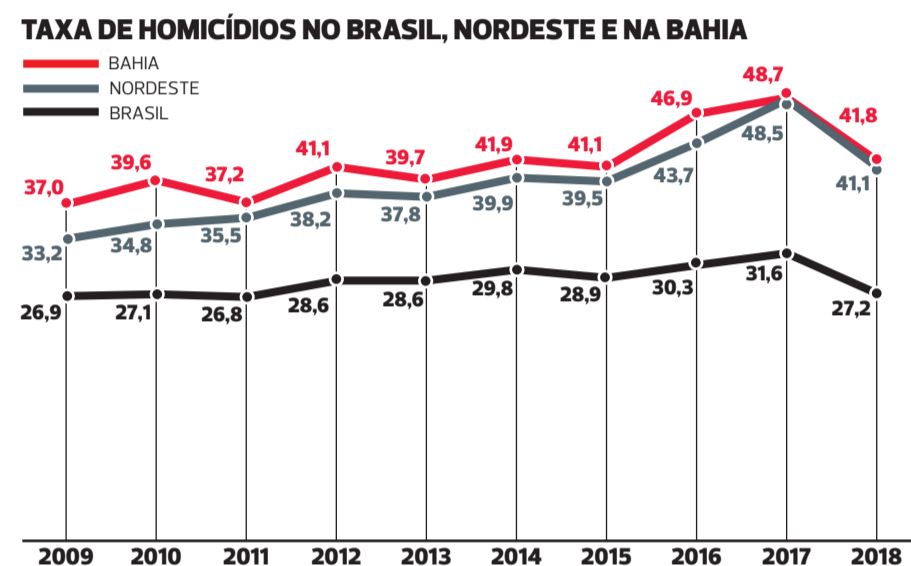
A desembargadora Nágila Brito, presidente da Coordenadoria da Mulher do Tribunal de Justiça da Bahia, trata os casos de feminicídio no Brasil, de um modo geral, como uma espécie de epidemia. Segundo ela, tem sido grande o número de recursos envolvendo casos de feminicídio e outros tipos de violência contra a mulher.

“Isso envolve sentimentos, envolve relacionamento, o emocional das pessoas. Só a aplicação de uma pena não vai resolver a história de uma vez por todas. A gente vai ter que procurar a seara psicológica, social”, diz.

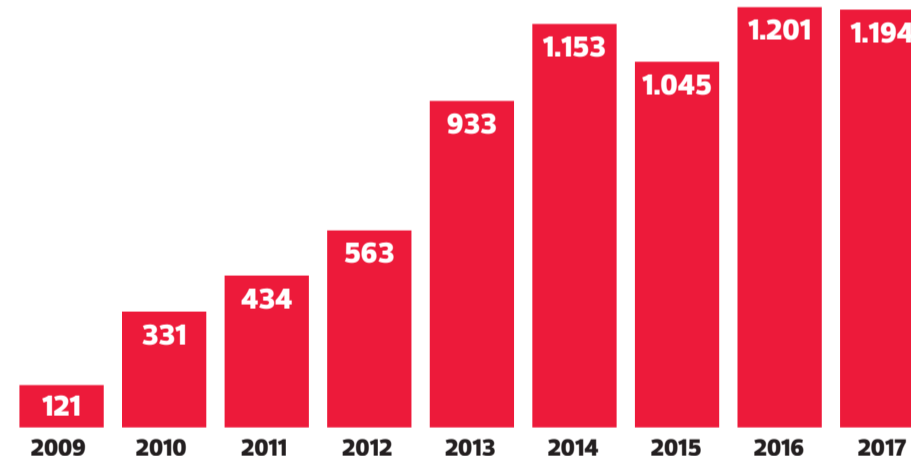
Para ela, a saída para a redução da violência de gênero está numa educação antimachismo. “A gente tem que criar nossos filhos e filhas para a igualdade, menino e menina são iguais. Enquanto nós fizermos aquela vista grossa para as coisas que os filhos fazem e exigirmos das nossas meninas que voltem cedo para casa, o menino vai crescer acreditando que pode tudo, inclusive matar a mulher que ele acha que não segue as regras”, explica.

A cientista social Silvia Ramos, que é coordenadora geral da Rede de Observatórios da Segurança e esteve ontem em Salvador para apresentação do relatório chamado ‘A cor da violência na Bahia’, aposta numa relação entre violência de gênero e disputa por facções que não aparece como feminicídio.

“Você tem várias categorias de punição, em que a morte é a mais grave, mas vai desde apenar, ser humilhada, ter o cabelo cortado, ser proibida de sair de casa, sofrer violência sexual. Se você é namorada de um cara de uma facção e você não pode passar em uma rua de outra



NÚMERO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL NA BAHIA



FONTE SIM/ DataSUS e IBGE; elaboração: Observatório da Segurança BA

“A gente tem apontado esse crescimento nos feminicídios. Em parte, estão ligados a disputas de facções, a questões envolvendo jovens mulheres e carregadas de crueldades, em que elas são torturadas e depois mortas César Barreira

Sociólogo e coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV), da Universidade Federal do Ceará (UFC)

“Isso envolve sentimentos, envolve relacionamento, o emocional das pessoas. Só a aplicação de uma pena não vai resolver a história de uma vez por todas. A gente vai ter que procurar a seara psicológica, social Nágila Brito

Desembargadora e presidente da Coordenadoria da Mulher do TJ-BA

porque você morre, isso acontece porque você é mulher. E eu acho que a gente ainda não está vendo a gravidade disso”, declarou.

A violência de gênero, além do racismo, foram o tema do relatório apresentado ontem, em Salvador, pela Rede de Observatórios de Segurança, vinculada ao Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), da Universidade Cândido Mendes, e conta com pesquisadores da Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

Segundo o relatório, embora as mulheres não sejam a maioria das vítimas dos homicídios no Brasil – nem na Bahia – elas têm sido cada vez mais vítimas de violência sexual. De 2009 a 2017, esse tipo de registro cresceu 887% na Bahia. Neste intervalo de oito anos, 6.975 mulheres sofreram algum tipo de violência no estado.

O que chama atenção, no entanto, é a escalada no número de casos: em 2009, foram 121 registros, enquanto oito anos depois, 1.194 mulheres foram parar em unidades de saúde após sofrerem violência sexual.

As três maiores cidades do estado também concentram os maiores índices de crescimento. Salvador teve alta de 2.464 casos de 2009 a 2017, embora os números estejam caindo desde 2015. Vitória da Conquista teve aumento de 1.750%, mesmo com queda acentuada de 2016 para 2017. Já Feira de Santana teve crescimento de 130% no número de casos – e eles vêm subindo pelo menos desde 2015.

“Não só olhando para os números gerais, mas compreendendo as dinâmicas, é possível ver que a violência de gênero se articula de uma forma extremamente perversa, sofisticada e difícil de identificar de forma criminal”, afirmou Silvia Ramos.

A COR DA VIOLÊNCIA

O relatório, que analisa casos de homicídios e violência sexual na Bahia com base em números do Ministério da Saúde (DataSUS), também aponta que, a cada dez mulheres vítimas de violência sexual na Bahia, sete são negras. Entre elas, a taxa de estupros é de 16 casos para cada 100 mil habitantes. Já entre as mulheres brancas, a taxa cai pela metade, de 8 para cada 100 mil habitantes.

“O machismo presente na base da sociedade brasileira é o principal fator de vitimização das mulheres de todas as idades e, principalmente, as mulheres negras”, diz o relatório. Entre as vítimas, a maioria tem entre 10 e 14 anos (taxa de 38,3 para cada 100 mil), seguidas das de 0 a 4 anos de idade (taxa de 24,4).

A Secretaria de Segurança Pública da Bahia disse em nota que, “sobre os casos de violência contra a mulher, além das inúmeras ações repressivas, a SSP, em parceria com a SPM [Secretaria de Políticas para Mulheres], também participa de campanhas educacionais, que inclusive deveriam ter a colaboração de toda a sociedade, para a extinção da cultura do machismo”.



Silvia apresenta os dados da Rede de Observatórios da Segurança no Ceao, da UFba

Taxa de homicídio entre negros é 4 vezes maior

Se as mulheres negras são as vítimas preferenciais dos crimes de violência sexual, os homens jovens negros, de 20 a 29 anos, estão na mira dos homicídios no estado. A taxa de homicídios encontrada pelos pesquisadores da Rede de Observatórios da Segurança surpreendeu a eles mesmos, inclusive aqueles que pesquisam a violência há décadas.

Na Bahia, em 2018, de acordo com dados do DataSUS, a taxa de homicídios de jovens negros para cada 100 mil habitantes foi de 236. O número é mais de quatro vezes superior à taxa de homicídios para jovens brancos com a mesma idade – de 20 a 29 anos. E ambas as taxas são muito superiores à média nacional no mesmo ano, de 27,2 para cada 100 mil.

“Esse é o dado mais chocante que eu já apresentei em 30 anos de estudos de violência. A cara do racismo no Brasil é essa, em todos os aspectos”, afirmou a cientista social Silvia Ramos, coordenadora geral da Rede de

“Esse é o dado mais chocante que eu já apresentei em 30 anos de estudos de violência. A cara do racismo no Brasil é essa, em todos os aspectos Silvia Ramos

Cientista social da Rede de Observatórios da Segurança

Observatórios da Segurança. Para o historiador Dudu Ribeiro, coordenador da Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas (INNP) e do Observatório da Segurança na Bahia, os dados analisados não são novidade. “Aqui na Bahia, a gente consegue perceber algo que não é novo, uma disparidade racial no número da violência”, aponta. Para ele, o que fica claro é que o racismo não é um crime que pode ser colocado numa ‘caixinha à parte’. Pelo contrário, ele se mostra presente em diversas formas de violência.

O sociólogo César Barreira, coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC), tenta dar conta desse cenário: “Eu gosto muito de usar o termo de que existe uma violência difusa, mas ela continua tendo vítimas preferenciais. Ela é difusa porque continua podendo atingir todos nós, mas existe a vítima preferencial, que é o jovem negro da periferia. E as mulheres também têm essa mesma marca”.

Nordeste tem média acima do país

Nos últimos anos, o número de homicídios no Brasil passou por ligeiras altas, embora tenha registrado uma queda acentuada de 2017 para 2018. Mas a taxa de homicídios, tanto no Nordeste quanto na Bahia, sempre esteve acima da média do país. Em 2017, por exemplo, números do Ministério da Saúde (DataSUS) mostram que, se a taxa de homicídios em todo o Brasil foi de 31,6 para cada 100 mil habitantes, a taxa do Nordeste foi de 48,5 e a da Bahia, de 48,7.

No ano seguinte, houve queda em todas elas: a média do Brasil foi para 27,2, quanto a do Nordeste chegou a 41,1 e a da Bahia, 41,8. Para o historiador Dudu Ribeiro, coordenador da Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas (INNP) e do Observatório da Segurança na Bahia, esse é um fenômeno que pode ser chamado de ‘nordestinização da violência’.

“A Bahia registrou os números mais altos entre os estados do Nordeste num processo que muitos estudiosos têm tratado como a nordestinização da violência no Brasil”, explica. “Entre 2009 e 2018, 38% das mortes no Brasil foram no Nordeste, sendo que a Bahia foi a responsável por 27,7% dessas mortes no Nordeste”, completa Dudu.

Outro fator que tem chamado a atenção dos pesquisadores quando tratam de mortes violentas é o uso de armas de fogo. De acordo com o sociólogo César Barreira, coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC), os médicos costumavam receber mais vítimas de agressão por armas brancas – como facas – do que por armas de fogo: “Isso se inverteu, o que é preocupante porque a arma de fogo é muito mais letal”.

A Secretaria da Segurança Pública da Bahia informou que “não teve acesso à pesquisa, logo não pode comentar os seus resultados”. Entretanto, “reforça que as ações e políticas preventivas e repressivas para a redução dos Crimes Violentos Letais Intencionais no estado são constantes e resultam nas diminuições sucessivas destes tipos de crime, chegando ao menor número registrado nos últimos sete anos, em 2019”.

2º SEMESTRE

1,4% foi a queda registrada pela SSP nos Crimes Violentos Letais Intencionais na Bahia, na comparação entre os segundos semestres de 2019 e 2018

407 registros de crimes contra a vida foram registrados nos municípios da Risp/Sul – 84 a menos do que o anotado no segundo semestre de 2018

112 casos teve a Região Integrada de Segurança Pública (Risp) Oeste – o menor registro entre as regiões do estado, no mesmo período